

# Clipping e blend: uma revisão crítico-teórica sobre processos de formação de palavras não-concatenativos

## *Clipping and blend: a critical-theoretical review on non-concatenative word formation processes*

### **Daniel Fernandes Gusmão**

Graduado em Letras/Português – Licenciatura pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

E-mail: [dfcosta26@gmail.com](mailto:dfcosta26@gmail.com)

### **Welber Nobre dos Santos**

Mestrando em Estudos Linguísticos na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com auxílio de Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: [welbernobre@hotmail.com](mailto:welbernobre@hotmail.com)

### **Maria Alice Mota**

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é professora efetiva do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

E-mail: [alicemta@yahoo.com.br](mailto:alicemta@yahoo.com.br)

---

**Resumo:** De todos os processos não-concatenativos de formação de palavras, ou seja, aqueles que não são previstos pela Gramática Tradicional (GT), os mais importantes, em função do papel que vêm desempenhando na morfologia do português, são o cruzamento vocabular (*blend*) e o truncamento (*clipping*). Partindo desse pressuposto, neste estudo, objetivamos desenvolver uma explanação crítico-teórica da bibliografia já construída em torno de tais processos de formação de palavras. Tendo-se em vista tal proposta, acreditamos que esses tipos de processos morfológicos funcionam a partir de bases linguísticas passíveis de sistematização pelo viés da Morfopragmática, que investiga a estrutura das palavras numa associação entre forma e contexto efetivo de uso na sociedade. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos uma metodologia de cunho qualitativo-interpretativo, por meio da qual analisamos a literatura produzida a respeito do *blend* e do *clipping*. Como aporte teórico, recorreremos às contribuições de Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2009), Bechara (2014), Sandmann (1997), Monteiro (2002), Laroca (2005) e Gonçalves (2006; 2012). A relevância de nosso estudo reside na necessidade constante de se refletir acerca tanto do funcionamento da língua em uso nas práticas sociais quanto dos estudos que acompanham, em alguma medida, o dinamismo do Português Brasileiro, numa abordagem linguístico-reflexiva.

**Palavras-chave:** Formação de palavras. Processos não-concatenativos. *Clipping*. *Blend*.

**Abstract:** Of all the non-concatenative word formation processes, that is, those that are not predicted by Traditional Grammar (GT), the most important, due to the role they have been playing in Portuguese morphology, are the vocabulary crossing (*blend*) and truncation (*clipping*). Based on this assumption, in this study, we aim to develop a critical-theoretical explanation of the bibliography already built around such word formation processes. In view of

this proposal, we believe that these types of morphological processes work from linguistic bases that can be systematized by the Morphopragmatic approach, which investigates the structure of words in an association between form and effective context of use in society. For the development of the research, we adopted a qualitative-interpretative methodology, through which we analyzed the literature produced about the blend and clipping. As a theoretical contribution, we used the contributions of Cegalla (2008), Cunha and Cintra (2009), Bechara (2014), Sandmann (1997), Monteiro (2002), Laroca (2005) and Gonçalves (2006; 2012). The relevance of our study lies in the constant need to reflect both on the functioning of the language in use in social practices and on the studies that accompany, to some extent, the dynamism of Brazilian Portuguese, in a reflective linguistic approach.

**Keywords:** Word formation. Non-concatenative processes. Clipping. Blend.

---

### 1 Considerações iniciais

A língua, como faculdade humana que se consolida em seu uso efetivo e se molda a partir do falante, mostra-se como um sistema que frequentemente perpassa por transformações decorrentes de fatores externos (sociais) e internos (linguísticos). Assim é que os processos de formação de palavras, doravante PFP, expõem, de forma notável, a maleabilidade da língua perante o seu usuário, que, fazendo uso de determinados formativos linguísticos, corrobora o processo de lexicalização da língua, de acordo com suas necessidades de comunicação.

Nesses termos, a formação de palavras, muitas vezes, é motivada por contextos afetivos e sociais de uso da língua. Em vista disso, neste trabalho, objetivamos analisar, num viés crítico-bibliográfico, a literatura construída acerca do potencial de produtividade de dois processos de formação de palavras: o *blend* (cruzamento vocabular) e o *clipping* (truncamento).

No que concerne aos PFP do Português Brasileiro (PB), identificamos dois tipos que se diferenciam quanto à maneira pela qual permitem a ampliação do léxico. Se, por um lado, encontramos os PFP de características lineares (ou seja, encadeamentos vocabulares lineares oriundos de prefixação, sufixação, prefixação/sufixação ou composição), por outro lado, notamos os processos não-concatenativos (baseados na “supressão de elementos [truncamento], cópia total ou parcial da base [reduplicação], sobreposição ou amálgama [blending ou portmanteaux], acronímia [ou siglas], entre outros” (ARAÚJO, 2002, p. 63).

Já no que diz respeito à sistematização dos PFP concatenativos e não-concatenativos, observamos diferentes modos de abordagem, que variam de acordo com a intenção de análise, quais sejam: i) a abordagem da Gramática Tradicional, doravante GT, aqui analisada a partir dos estudos de Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2009) e Bechara (2014), a qual se debruça apenas sobre os PFP concatenativos, abordando somente seus aspectos estruturais e classificatórios, e, por outro lado, tratando alguns PFP de cunho não lineares de forma superficial, a partir de um viés estrutural; ii) a morfologia contemporânea, representada, neste estudo, por Sandmann (1997), Monteiro (2002) e Laroca (2005), a qual, além de sistematizar os PFP concatenativos, destacando seus aspectos estruturais, classificatórios e de produtividade, observa as peculiaridades estruturais, classificatórias e produtivas dos

PFP não-concatenativos, todavia, delimitando esses últimos como imprevisíveis e arbitrários; iii) por seu turno, a morfologia de cunho pragmático, manifestada nesta pesquisa a partir dos estudos de Gonçalves (2006; 2012), a qual se detém às novas tendências produtivas de alguns PFP lineares, bem como aos PFP não lineares, destacando, assim, os aspectos semânticos, pragmáticos, prosódicos, estruturais e produtivos desses PFP, expondo, ainda, os padrões de produtividade dos PFP não-concatenativos.

O nosso artigo está estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento, debruçamo-nos sobre os estudos da tradição gramatical acerca dos PFP, em que verificamos uma abordagem estrutural que abrange predominantemente os PFP concatenativos. Em seguida, abordamos a visão de alguns morfólogos no que diz respeito aos PFP concatenativos e não-concatenativos, e, posteriormente, lançamos mão do aporte teórico de Gonçalves (2006; 2012), dando destaque aos padrões de produtividades do *blend* (cruzamento vocabular) e *clipping* (truncamento), a partir de exemplos colhidos em revistas de circulação nacional, via impressa e online, em que destacamos o potencial de produtividade do *blend* e do *clipping* em função do contexto sociopolítico do Brasil atual.

Por fim, concluímos que, na morfologia brasileira, estudos de cunho tradicional ou estrutural não têm demonstrado o potencial de produtividade de processos não-concatenativos, tais como o *blend* e o *clipping*, de modo que apenas estudos morfopragmáticos o tem realizado. Nesse sentido, os estudos de Gonçalves (2006; 2012) observam a funcionalidade dinâmica da língua em uso e apontam para a possibilidade de sistematização dos processos analisados nesse artigo.

## 2 Os processos de formação de palavras na Gramática Tradicional

Sob o viés da tradição gramatical, os processos de formação de palavras constituem-se numa morfologia de encadeamento, em que formativos são antepostos, pospostos e antepostos/pospostos ou há a junção de itens lexicais em um processo linear (ARAÚJO, 2002). Além disso, a partir desse viés tradicional, tais processos linguísticos são analisados somente sob uma perspectiva estrutural, na qual se observa a classificação, bem como os processos estruturais da formação vocabular concatenativa.

A começar por Cegalla (2008), notamos que o referido gramático, no capítulo dedicado aos processos de formação das palavras, em um primeiro momento, reconhece que, na língua portuguesa, há dois processos gerais que dão origem a novas palavras: a derivação e a composição.

Por derivação, o autor entende como o processo que “consiste em formar uma palavra nova (derivada), a partir de outra já existente (primitiva)” (CEGALLA, 2008, p. 96). Nessa medida, Cegalla (2008) destaca quatro mecanismos de derivação, a saber: i) sufixação; ii) prefixação; iii) parassíntese; iv) derivação regressiva. O autor faz, ainda, uma observação quanto à derivação imprópria, destacando que tal processo compete, em certo sentido, às áreas da semântica e da estilística.

No que concerne ao mecanismo linguístico da composição, Cegalla (2008) o entende como um processo no qual “associam-se duas ou mais palavras ou dois ou

mais radicais para formar uma palavra nova” (CEGALLA, 2008, p. 98). O autor divide o processo de composição em dois tipos: i) justaposição; ii) aglutinação.

Há de se ressaltar ainda que Cegalla (2008) trata de outros PFP: redução (redução de um vocábulo), hibridismo (formação vocabular por meio da união entre palavras nativas e estrangeiras), assim como onomatopeia (tentativa humana de imitação das vozes e dos ruídos da natureza). No entanto, o autor pouco desenvolve a exposição acerca dos referidos PFP, limitando-se apenas à conceituação e à exemplificação de tais fenômenos linguísticos.

De forma específica, no que diz respeito à redução, que aqui podemos associar, grosso modo, ao *clipping*, observamos que Cegalla (2008) detém-se somente à conceituação e à exemplificação de tal PFP, destacando que “algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida” (CEGALLA, 2008, p. 98). Além disso, acerca da redução, o gramático afirma que esse mecanismo da língua é uma “[...] espécie de economia linguística” (CEGALLA, 2008, p. 98). Nesse sentido, notamos que Cegalla (2008), no que tange à abreviação, limita-se a uma definição superficial de tal processo, em que considera como condição para a produtividade da abreviação o imediatismo linguístico da atualidade, desprezando, portanto, os padrões de estruturação interna de tal processo. Acerca do *blend*, nada observa o gramático.

Por seu turno, à maneira de Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2009) reconhecem como principais PFP a derivação e a composição. Desse modo, na seção dedicada aos processos derivacionais, os gramáticos a subdividem em derivação prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria. Já no que diz respeito ao processo de composição, Cunha e Cintra (2009), classificam-no a partir de três abordagens, nas quais se destacam o viés formal (justaposição e aglutinação), o semântico (relação entre determinante e determinado), bem como a relação entre as classes gramaticais que dão origem a palavras compostas.

Ao abordar a formação de palavras por meio da abreviação vocabular, os autores realizam as seguintes considerações:

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje. Observamos, a todo o momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão (CUNHA; CINTRA, 2009, p. 130).

Ainda observamos que os autores tratam da recomposição, bem como de hibridismo, onomatopeia e sigla. No entanto, como bem podemos notar a respeito dos referidos processos, os gramáticos pouco desenvolvem a discussão a respeito desses PFP, principalmente no que concerne à abreviação vocabular, considerada pelos gramáticos como reflexo do imediatismo linguístico da atualidade – assim como Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2009) não tratam do *blend*.

Já Bechara (2014), em um primeiro momento, aborda as construções vocabulares oriundas dos processos de lexia e sinapsia, para, em seguida, abordar os processos de formação vocabular concatenativos – composição e derivação. Sendo assim, o autor aborda a composição destacando as possíveis relações que as classes

gramaticais de palavras estabelecem entre si, seja por meio da formação por justaposição, seja por meio da composição aglutinativa.

No que tange à derivação, Bechara (2014) destaca os principais processos desse tipo de PFP: a prefixação e a sufixação, expondo, por meio desses elementos gramaticais, os principais afixos que são usados para essa formação vocabular. Detendo-se a outros tipos de PFP, notamos a menção, por parte do gramático, à formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão, combinação e intensificação.

Diante do exposto até aqui, em uma perspectiva comparativa, no que diz respeito ao foco desta pesquisa, podemos observar a associação entre abreviação e *clipping*, bem como entre combinação e *blend*. Dessa forma, no que concerne à abreviação, assevera Bechara:

A abreviação consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão [...] A forma abreviada passa realmente a construir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. (BECHARA, 2014, p. 389)

Portanto, notamos que Bechara (2014) reconhece a formação vocabular por meio da abreviação, observando que a palavra abreviada, apesar de remeter-se ao vocábulo-base, possui autonomia semântica e/ou estilística no contexto em que é usada, sendo oriunda de brevidade de expressão. Entretanto, apesar das acertadas observações, salientamos que o gramático deixa de desenvolver a problemática desse tipo de formativo, dedicando a esse processo um pequeno espaço para uma descrição sistemática de seus padrões de produtividade.

Por outro lado, detendo-se à construção vocabular por meio da combinação, pontua Bechara (2014, p. 390): “A combinação é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação [...]”. A partir dessa afirmativa, vemos que o autor elenca o processo de combinação como “um tipo especial de composição”, em que a nova palavra é formada a partir de partes de outros vocábulos, ganhando, portanto, autonomia no discurso. No entanto, ao contrastarmos a concepção de Bechara (2014) referente à combinação com estudos linguísticos acerca do mesmo PFP, observamos que há, aí, grande divergência. Conforme advoga, por exemplo, Gonçalves (2006), a combinação ou *blend* não pode ser considerada como um tipo de composição, haja vista que, como ocorre na composição, não é oriunda de um processo de encadeamento linear, mas sim de sobreposição de bases.

Por fim, observamos que a abordagem dos PFP por parte de alguns gramáticos da atualidade, tais como, Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2009), assim como Bechara (2014) detêm-se à exposição estrutural dos PFP concatenativos da Língua Portuguesa. No que concerne à formação vocabular por meio do *blend* e do *clipping*, percebemos que tais autores limitam-se a breves comentários acerca do *blend* (denominado, por parte desses gramáticos, de abreviação), em que caracterizam tal PFP como resultado do imediatismo da atualidade. Ademais, deixam de citar a formação vocabular por

meio do *clipping*, à exceção de Bechara (2014) que, além de dedicar pouco espaço a tal processo, realiza algumas considerações que o dissocia dos estudos da linguística atual.

### 3 Os processos de formação de palavras na perspectiva de morfólogos

O atual campo da morfologia, a partir de pesquisas pautadas em pressupostos da linguística moderna, tem-se debruçado sobre os diversos campos da morfologia das línguas. De forma mais específica, no que tange à área da formação de palavras, além de novas perspectivas lançadas sobre os PFP concatenativos, verificamos um tratamento mais abrangente acerca dos PFP não-concatenativos, por parte dos morfólogos da contemporaneidade.

Diante desse aspecto, delimitando o nosso campo de abordagem, destacaremos, a seguir, a visão de alguns morfólogos a respeito dos tipos de construção vocabular estudados nesta pesquisa, a saber: o *blend* e o *clipping*.

Detendo-nos ao aporte teórico de Sandmann (1997), verificamos que, em relação ao processo de abreviação, o autor pontua:

O tipo especial de formação de palavras chamado 'abreviação', rótulo que cobre fenômenos variados, também é um processo bastante produtivo hoje. Ele é parte da vida moderna, com sua complexidade burocrática, administrativa, técnica e econômica, colaborando para a brevidade e densidade da comunicação linguística (SANDMANN, 1997, p. 51).

Nessa perspectiva, observamos que, sob o viés pragmático, a abreviação é oriunda das necessidades comunicativas do falante que, por conta do imediatismo e agilidade linguística da atualidade, molda determinados formativos de acordo com suas necessidades de comunicação, que são determinadas pelo contexto de enunciação no qual se encontra inserido.

Ainda para Sandmann (1997), o processo de formação vocabular, que culmina na abreviação, ocorre de forma arbitrária, não havendo, portanto, meios de sistematização. Nesse ponto, o autor se dissocia de uma série de estudos linguísticos realizados a respeito dos PFP não-concatenativos, a exemplo de Gonçalves (2006), que demonstra os mecanismos de formação não-concatenativos de palavras e a sua regularidade na língua em uso.

Ao tratar do cruzamento vocabular, Sandmann (1997) observa que, nesse mecanismo linguístico, considerado pelo autor como um tipo de composição, duas bases se unem em favor de uma nova unidade vocabular, diferenciando-se, em certo sentido, da composição por causar diminuição não linear da estrutura fônica da nova palavra. Dessa maneira, confirma Sandmann:

O tipo de formação de palavras chamado 'cruzamento vocabular' é, no fundo, um tipo de composição, diferenciando-se desta, porque no cruzamento vocabular as bases que entram na formação de nova unidade lexical, ou ao menos uma, sofrem diminuição, não sistemática ou regular, de seu corpo fônico (SANDMANN, 1997, p. 58).

Faz-se necessário ressaltar que a classificação do cruzamento vocabular como um tipo de composição, empreendida por Sandmann (1997), vai de encontro às atuais pesquisas linguísticas referentes ao campo dos PFP não-concatenativos. Segundo Gonçalves (2006), não podemos considerar o cruzamento vocabular como composição devido ao fato de que, enquanto na composição os lexemas se unem para formar uma nova palavra por meio de um processo de encadeamento, no cruzamento vocabular, a união de lexemas segue um processo não linear em que a sucessão das bases dá lugar a sobreposições.

Por outro lado, Monteiro (2002) define a braquissemia (*clipping*) como:

[...] o emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro. Tal processo se baseia no princípio de economia da linguagem, cuja importância no mundo atual ninguém discute. Resulta da subtração, não da adição de morfemas, como acontece na derivação ou na composição, e o elemento restante passa a valer semanticamente pelo todo do qual provém (MONTEIRO, 2002, p. 192).

Conforme Monteiro (2002), verificamos que a braquissemia é oriunda das exigências aceleradas da comunicação atual, em que se emprega parte do vocábulo em relação ao seu todo, fazendo com que a fração do vocábulo-base possua valor semântico. Diante disso, vale ressaltar que o autor, como exposto acima, pouco desenvolve a discussão acerca de tal construção vocabular, limitando-se à classificação e à exposição de alguns exemplos de tal PFP.

No que diz respeito ao amálgama (*blend*), Monteiro (2002) limita-se à superficial exposição, de cunho classificatório, delimitando esse tipo de processo como combinação de “partes de palavras” (MONTEIRO, 2002, p. 195) e identificando-o, com base em Azeredo (2000), como “forma arbitrária e imprevista.” (AZEREDO, 2000, p. 103, *apud* MONTEIRO, 2002, p. 195). Portanto, notamos que, à maneira de Sandmann (1997), Monteiro (2002) destaca o caráter assistemático e arbitrário desse tipo de PFP, ao qual se opõe a estudos da Morfopragmática (representados, nesta pesquisa, em Gonçalves (2006; 2012)), que veem, nos PFP não-concatenativos, mecanismos regulares de formação vocabular.

Por fim, Laroca (2005), em brevíssima exposição, entende que “o processo de redução consiste na subtração de algum morfe ou segmento terminal da palavra-base, ou ainda, da abreviação de longos títulos” (LAROCA, 2005, p. 77). À maneira dos autores citados anteriormente, Laroca (2005) limita-se apenas à exposição de exemplos, deixando, portanto, de explorar os mecanismos de formação de tal PFP.

Ao tratar do cruzamento, a autora o classifica como “junção com fragmentação de bases” (LAROCA, 2005, p. 77), inserindo-o no rol da composição vocabular. Dessa maneira, novamente, verificamos essa classificação como um tipo de composição, e que, portanto, opõe-se aos estudos da Morfopragmática acerca desse PFP.

A partir da análise da literatura de cunho morfológico, de forma mais específica representada, neste trabalho, pelos estudos de Sandmann (1997), Monteiro (2002) e Laroca (2005), verificamos que, apesar de observarem o potencial de produtividade de PFP não-concatenativos, principalmente no que diz respeito ao *blend* e ao *clipping*, tais autores os classificam como oriundos de processos imprevisíveis ou assistemáticos. Tal

afirmativa contrapõe-se a uma série de estudos da linguística moderna, nos quais os padrões de formação vocabular dos PFP não-concatenativos têm sido amplamente estudados e sistematizados como processos oriundos de mecanismo produtivos e regulares.

#### 4 Os processos de formação de palavras não-concatenativos numa perspectiva linguística: *clipping* e *blend*

Os estudos da linguística atual, no que concerne à formação de palavras, têm-se desenvolvido de modo considerável na sistematização dos PFP não-concatenativos. Nessa medida, tais construções vocabulares têm sido, atualmente, consideradas como sistemáticas, já que seus padrões de produtividade são analisados de forma crescente.

Nesta seção, dedicamo-nos, a partir dos pressupostos de Gonçalves (2006; 2012), à análise de duas formações vocabulares: o *clipping* e o *blend*, em que expomos e exemplificamos as estruturas de produtividade de tais formativos a partir de alguns exemplos colhidos em revistas de circulação *online* e impressa.

Por *clipping*, podemos entender, conforme atesta Gonçalves (2012, p. 185), o “processo pelo qual uma palavra matriz é encurtada sem distanciamento de significado, mas com frequente ‘mudança no valor estilístico da palavra’ (BAUER, 1988, p. 33, *apud* GONÇALVES, 2012, p. 185)”.

Tendo em vista essa definição, Gonçalves (2006) delimita alguns aspectos pertinentes à sistematização de tal procedimento que vai desde características de acentuação à estrutura formativa de tais processos.

Dessa maneira, em um primeiro momento, detendo-se ao critério de acentuação desse processo, o autor verifica que o *clipping* não leva em consideração o acento lexical da palavra matriz, formando, sempre, vocábulos paroxítonos (GONÇALVES, 2006) – como *salaфра* (*salafrário*).

Ademais, no processo formativo do *clipping*, há sempre a formação de um pé binário, segmentado da esquerda para a direita (GONÇALVES, 2006). Assim, a palavra truncada aproveita somente as primeiras estruturas do vocábulo truncado (normalmente as duas primeiras sílabas – a exemplo de: *comuna* (*comunista*)) alinhando-se, na maioria das vezes, à vogal -a, que forma a última sílaba do *clipping* (a exemplo de *batera* (*baterista*)). Acerca desse critério, pontua Gonçalves: “em todos os casos [de *clipping*], forma-se um pé binário, da esquerda para a direita, do qual será aproveitado somente o primeiro *onset* [ponto de partida] que, alinhado à vogal -a, construirá a última sílaba da palavra braquissemizada” (GONÇALVES, 2006, p. 231).

Nessa medida, sistematizamos os critérios elencados por Gonçalves (2006) a seguir:

Estrutura interna do <i>clipping</i> no PB	
<b>Critério (i)</b>	Formação de vocábulo paroxítono.
<b>Critério (ii)</b>	Seleção, a partir da esquerda para a direita, das primeiras sílabas da palavra matriz.
<b>Critério (iii)</b>	Agregação da vogal -a à última sílaba da forma truncada.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Gonçalves (2006).



No que concerne ao aspecto pragmático do *clipping*, notamos que esse processo relaciona-se à intencionalidade sociocomunicativa do falante que, marcando o vocábulo truncado por meio da supressão de sílabas, imprime seu ponto de vista acerca de algum objeto, ser ou evento. Normalmente, conforme atesta Gonçalves (2006), esse PFP possui carga semântica pejorativa, tendendo a denotar o desprezo ou o deboche do falante perante o objeto enunciativo a que se refere.

Constatemos os apontamentos de Gonçalves (2006; 2012) a partir de alguns exemplos colhidos na revista *online* de circulação nacional *Grupo Gente Nova – GNN*:

(1) “A moda agora é ser *reaça* [...]” (PAIVA, 2011).

Do ponto de vista estrutural, verificamos que o vocábulo “*reaça*”, forma truncada de “*reacionário*” (indivíduo de ala ideológica conservadora) associa-se aos três critérios de formação de *clippings* elencados por Gonçalves (2006):

**Critério (i):** verificamos o emprego da tonicidade do novo vocábulo na penúltima sílaba da palavra, atendo, portanto, ao critério de formação de paroxítona > *reaça*.

**Critério (ii):** ocorrência de seleção das primeiras sílabas (2) a partir da esquerda para a direita > *reaça*.

**Critério (iii):** agregação da vogal -a à última sílaba do *clipping* > *reaça*.

No que diz respeito ao aspecto pragmático, “*reaça*” carrega um sentido desdenhoso no que diz respeito à designação dos indivíduos que defendem ideologias conservadoras, demonstrando, dessa maneira, as novas tendências políticas que têm crescido no campo político brasileiro e que são repudiadas pelo escritor. Nessa medida, observamos que, frente à necessidade comunicativa de designar indivíduos que tendem a ideologias insurgentes no âmbito brasileiro, o autor faz uso do mecanismo de formação vocabular de *clipping* para efetivar sua intencionalidade discursiva.

Vejamos mais uma ocorrência de *clipping*:

(2) “O ano de 2013 se mostrou um marco de indignações e revoltas. 2014 promete muito mais. Portanto, como em 1964, é preciso desesperadamente recriar mitos para proteger o castelo. Enquanto milhões de pessoas irão para as ruas no ano da “Copa para todos” (heim?), só resta à direita torcer para que um **comuna** tome champanhe e poste no facebook” (MACHADO, 2014).

Em um viés morfológico, vemos que “*comuna*”, encurtamento de “*comunista*” (indivíduo que se posiciona a favor dos pressupostos ideológicos formulados por Karl Marx e Friedrich Engels), associa-se, da mesma forma que o neologismo anterior, aos critérios de estruturação interna do *clipping*, expostos por Gonçalves (2006). Discriminamos tal associação a seguir:

**Critério (i):** emprego da tonicidade do novo vocábulo na penúltima sílaba > *comuna*.

**Critério (ii):** seleção das primeiras sílabas (2) a partir da esquerda para a direita, no que diz respeito à estrutura da palavra matriz > *comuna*.

**Critério (iii):** agregação da vogal -a à última sílaba do *clipping* > *comuna*.

Verificamos, ainda, no enunciado (2), que o emprego do neologismo “*comuna*” denota, no contexto enunciativo, um sentido irônico, haja vista que é um vocábulo empregado em discursos de cunho conservador para fins pejorativos. Todavia, em (2), a semanticidade de tal vocábulo expressa uma crítica ao emprego depreciativo do

termo “comuna” no discurso de orientação conservadora, uma vez que, segundo o enunciado, há, no contexto conservador, a tendência de se criar situações utópicas com fins de se criticar as concepções de tendência esquerdista. Novamente, notamos que o uso do processo de *clipping* encontra-se a serviço das necessidades sociocomunicativas da autora, que, diante do cenário político brasileiro da atualidade, faz uso de tal formação vocabular para manifestar sua intencionalidade discursiva.

Por outro lado, os *blends*, conforme afirma Gonçalves (2006, p. 224), são “formas criadas pela junção de duas palavras já existentes na língua”. Assim, essa construção vocabular,

diferentemente dos compostos, que tendem a preservar o conteúdo segmental das bases [...] são caracterizadas pela interseção de palavras, de modo que é impossível recuperar, através de processos fonológicos como crase, elisão e haplogia, as sequências perdidas (GONÇALVES, 2006, p. 224).

Nesses termos, verificamos que o *blend*, apesar de ser um PFP oriundo da junção de dois vocábulos, diferencia-se da composição. Contradizendo a literatura analisada neste estudo (Bechara (2014); Sandmann (1997); Monteiro (2002) e Laroca (2004)) que vê, no *blend*, um processo de composição, Gonçalves (2006) observa que, na ocorrência desse PFP, há a interseção de palavras, o que desclassifica o *blend* do rol das composições.

Sob esse ângulo, Gonçalves (2006) aponta que, enquanto na composição a nova palavra é formada a partir de uma junção concatenativa das bases, em que a segunda palavra começa no mesmo ponto em que a primeira termina, no *blend*, há o processo formativo de junção de bases por meios não lineares, em que essa sucessão sofre rompimento por consequência das sobreposições das bases.

Vale ressaltar ainda, junto a Gonçalves (2006), que outro fator crucial na delimitação das diferenças entre composição e *blend* é o fato de que, no primeiro formativo, encontramos a projeção de dois morfemas sobre um ponto de fusão, enquanto que, no segundo processo, não verificamos o reconhecimento de morfemas plenos que originam um terceiro vocábulo, mas sim de partes de lexemas, haja vista que, nesse processo de combinação, há uma sobreposição das bases.

No que diz respeito à delimitação da estrutura interna desse PFP, Gonçalves (2006) reconhece dois tipos de padrões para os *blends* do Português Brasileiro (PB), quais sejam: i) os casos em que a palavra 1 (P1) e a palavra 2 (P2), que originarão o novo vocábulo, apresentam semelhança fônica e/ou estrutural; ii) os casos em que P1 e P2 não apresentam semelhança segmental.

Assim, no primeiro padrão, verificamos dois tipos de formação que expressam características estruturais diferentes. Em um primeiro caso, percebemos a ocorrência de bases monossilábicas, em que o ponto de quebra (local em que a fusão ou interseção entre bases ocorre) indica uma rima por parte das bases (como, por exemplo, *pãe* (*pai* + *mãe*)), o que faz da rima um princípio de produtividade nos *blends*, ou seja, a semelhança fônica existente entre as bases, na mesclagem de monossílabos, contribui, conseqüentemente, para as formações de estruturas como os *blends*.

Por outro lado, nesse mesmo padrão de formação dos *blends*, há os casos de semelhança fônica e/ou estrutural em que os vocábulos bases apresentam estrutura maior. Nesse tipo de ocorrência, o que exporá tanto a produtividade como o ponto de quebra e, conseqüentemente, a interseção e a posição das bases da estrutura interna do *blend* será a sílaba comum existente entre P1 e P2 (como exemplo: *presidengue* (*presidente* + *dengue*)). Portanto, conforme Gonçalves (2006, p. 235), “essa semelhança determina não só a interseção das palavras, como também a posição das bases no interior da mescla”.

Já no padrão que apresenta casos em que as bases expressam total dessemelhança entre si, a identificação do ponto de quebra será realizada com base no maior grau de identidade dos segmentos das bases que, normalmente, ocorre na sílaba tônica de cada palavra (*portunhol* (*português* + *espanhol*) ou em fonema e/ou letra congênere entre P1 e P2 (como, por exemplo, *Ronalducho* (*Ronaldo* + *gorducho*)) (GONÇALVES, 2006). Assim como no primeiro padrão, a identificação do ponto de quebra das bases acarretará o reconhecimento da interseção e da posição das bases na estrutura interna do *blend*.

A seguir, sistematizamos os padrões e critérios de estruturação do *blend* no PB:

Estrutura interna do <i>blend</i> no PB	
<b>Padrão 1:</b> Semelhança fônica e/ou estrutural entre P1 e P2.	Critério (i) - monossílabos: semelhança rítmica. - Ponto de quebra: sílaba rítmica.
	Critério (ii) - palavras de maior porte: sílaba comum. - Ponto de quebra: sílaba comum.
<b>Padrão 2:</b> Dessemelhança segmental entre P1 e P2.	Critério (i) - grau de semelhança quanto à tonicidade de sílaba. - Ponto de quebra: sílaba tônica.
	Critério (ii) - letra ortográfica e/ou fonema comum. - Ponto de quebra: letra/fonema comum.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Gonçalves (2006).

Do ponto de vista pragmático, Gonçalves entende que o *blend* “sinaliza o ponto de vista do emissor em relação ao objeto do enunciado [...]”, sendo que “a pejoratividade é, sem dúvida, o caso por excelência [...] revelando intenção depreciativa do emissor [...]” (GONÇALVES, 2006, p. 224-225). Nesses termos, verificamos que os *blends* expressam carga pragmática que se mostra de acordo com as intenções do falante frente a um objeto, ser, evento ou estado. Consoante Gonçalves (2006), o teor pragmático do *blend* expressa sentidos de pejoratividade em relação ao objeto, ser, evento ou estado designado no contexto enunciativo.

Detenhamo-nos a alguns exemplos (colhidos da revista *online GNN*, bem como da revista impressa *Época*) que concretizam os argumentos de Gonçalves (2006) no que se refere ao *blend*.

(3) “Fica claro que Greenwald, longe de ser um heróico jornalista, está se revelando um autêntico **jornazista** [...]” (AMARAL, 2013).

Em (3), verificamos que a estrutura morfológica do *blend* “jornazista” vai ao encontro de um dos padrões estruturais do *blend* no PB, estabelecidos por Gonçalves (2006), qual seja, o Padrão 1. Vejamos a associação realizada a seguir.

Padrão 1 – semelhança fônica e/ou estrutural: ocorrência de sílabas comuns no que diz respeito à estrutura de P1 e P2. > **jornalista** + **nazista** > **jornazista**.

Critério (i) - monossílabos – aspecto rítmico: não se aplica.

- Ponto de quebra: não se aplica.

Critério (ii) - palavras de maior porte – sílaba comum: ocorrência de sílabas comuns no que diz respeito à estrutura de P1 e P2. > **jornalista** + **nazista** > **jornazista**.

Padrão 2 – dessemelhança segmental entre as bases: Não ocorrência.

Critério (i) - tonicidade de sílaba: não se aplica.

- Ponto de quebra: não se aplica.

Critério (ii) - letras/fonemas comuns: não se aplica

- Ponto de quebra: não se aplica

Sob um viés pragmático, observamos que, a partir de (3), o neologismo “jornazista” carrega um tom de pejoratividade em relação ao sujeito designado. Assim, a ideia que se tem é a de que o jornalista referenciado tende para a ala ideológica da extrema direita, característica do partido nazista alemão – a qual o autor despreza. Verificamos, nesse enunciado, que o autor, perante a sua necessidade comunicativa de designar, de forma pejorativa, um indivíduo oriundo de área ideológica dissonante de sua opinião, faz uso do mecanismo de *blend* para expressar tal carga semântica.

Por fim, vejamos, a seguir, o emprego de mais um *blend* em um enunciado oriundo de um contexto de ordem política.

(4) “Fernando Soares é o Baiano, principal operador do PMDB no **petrolão**.” (TAVARES, 2016, p. 21).

A partir de uma perspectiva morfológica, notamos que “petrolão” associa-se ao Padrão 2, exposto por Gonçalves (2006), em que encontramos dessemelhança do ponto de vista estrutural das bases.

Padrão 1 - semelhança fônica e/ou estrutural: Não se aplica.

Critério (i) - monossílabos: não se aplica.

- Ponto de quebra: não se aplica.

Critério (ii) - palavras de maior porte: não se aplica.

- Ponto de quebra: não se aplica.

Padrão 2 - dessemelhança segmental entre as bases: ocorrência de dessemelhança segmental no que tange a P1 e a P2.

Critério (i) tonicidade: não se aplica.

- Ponto de quebra: não se aplica.

Critério (ii) letras/fonemas comuns: ocorrência de letras comuns no que diz respeito à estrutura de P1 e P2. > petróleo + mensalão > petrolão.

Em (4), percebemos que o emprego do neologismo “petrolão” remete-se ao esquema de corrupção, realizado por meio de desvios de dinheiro de contratos da Petrobras, a fim de beneficiar partidos políticos. Nesse sentido, podemos observar que a formação do referido neologismo perpassa a necessidade de designação de determinados contextos políticos por parte do autor que, para tanto, faz uso do PFP de *blend*.

Os PFP não-concatenativos, considerados como assistemáticos por parte da tradição gramatical e dos manuais de morfologia, têm-se demonstrado, na atualidade, como uma fonte de estudos para a linguística contemporânea. Sendo assim, casos como

o *clipping* e o *blend*, a partir dos estudos linguísticos e morfopragmáticos, expõem eficientes padrões de produtividade, constituídos a partir de parâmetros passíveis de sistematização e previsibilidade no PB. Por conseguinte, os PFP não-concatenativos mostram-se como mecanismos que atendem, de forma eficiente, às necessidades comunicativas e discursivas dos falantes, expondo, nesse sentido, a dinamicidade da língua em uso perante os diversos contextos da comunicação humana.

### 5 Considerações finais

Neste artigo, propusemo-nos a revisitar os pressupostos teóricos acerca dos processos de formação de palavras existentes no português brasileiro, de modo específico o *clipping* e o *blend*, dois processos não-concatenativos, observando seus mecanismos estruturais de produtividade, assim como suas cargas pragmáticas em função de contextos de ordem social a partir de alguns exemplos.

Nessa medida, revisando os estudos da tradição gramatical acerca dos PFP, de forma específica no que diz respeito ao *clipping* e ao *blend*, verificamos que alguns gramáticos, apesar de citarem a produtividade das abreviações (*clippings*) e, em alguns casos, das combinações (*blends*), pouco desenvolvem a discussão dedicada a tais formações vocabulares, deixando, portanto, de expor seus padrões de produtividade de ordem estrutural e semântica, assim como os morfólogos, que fazem menção e observam o potencial de produtividade dos PFP não-concatenativos, mas os classificam como imprevisíveis e irregulares.

Diferentemente dos gramáticos e morfólogos aos quais recorreremos para este estudo, Gonçalves (2006; 2012) expõe e analisa os padrões de produtividades do *clipping* e do *blend*. Portanto, o autor delimita alguns critérios de ordem estrutural e prosódica que dão origem aos processos de *clipping* e *blend*, atestando, dessa maneira, o caráter previsível e regular dos mecanismos de produtividade linguística de tais construções vocabulares, opondo-se, assim, à abordagem tradicional.

Portanto, os estudos linguísticos alocados no campo da Morfopragmática, como os de Gonçalves (2006; 2012), expõem-se como trabalho de acentuada importância para a compreensão da morfologia do português brasileiro, posto que, não se limitando a análises superficiais e reducionistas do léxico da língua, apresentam averiguações sistemáticas do dinamismo funcional da língua. Ainda que de maneira limitada, esperamos suscitar reflexões sobre a dinâmica da língua em uso a partir de uma interface necessária entre a Morfologia e a Pragmática, considerando que os fenômenos linguísticos emergem das práticas efetivas de comunicação.

### Referências

AMARAL, R. *O útil, o agradável e a vingança da Bicha Má*. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/fora-pauta/o-util-o-gradavel-e-a-vinganca-da-bicha-ma>. Publicado em: 11 de set. de 2013. Acesso em: 20 abril 2017.

ARAÚJO, G. Truncamento e duplicação no português brasileiro. *Revista Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 61-90. jan./jun. 2002.

AZEREDO, J. C. Fundamentos de gramática do português. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 in: MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

GONÇALVES, C. A. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*. Niterói, n. 21, p. 219-241, 2006.

GONÇALVES, C. A. Atuais tendências em formação de palavras no Português Brasileiro. *SIGNUM: Estudos linguísticos*. Londrina, v. 15, n. 1, p. 169-199. jun. 2012.

LAROCCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

MACHADO, R. P. *Sobre a esquerda – caviar e outras alucinações*. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/noticia/sobre-a-esquerda-caviar-e-outras-alucinacoes>. Publicado em: 15 de jan. de 2014. Acesso em: 17 abril 2017.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PAIVA, M. R. *A moda de ser reaçã*. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-moda-de-ser-reaca-por-marcelo-rubens-paiva>. Publicado em: 24 de maio de 2011. Acesso em: 22 abril 2017.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

TAVARES, F. Personagem da semana: Michel Temer: o vice que não é mais decorativo. *Época*. São Paulo, n. 929, p. 19-21, abril 2016.